

A LIBERDADE É UMA VERTIGEM:
PROSTITUIÇÃO E LESBIANIDADE NA LITERATURA
DO GRANDE SÉCULO XIX

FREEDOM IS A VERTIGO:
PROSTITUTION AND LESBIANITY IN THE LITERATURE
OF THE 19TH CENTURY

CLAUDIANA GOIS DOS SANTOS¹

1 Doutoranda pelo Programa de Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa – ECLLP, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH USP – Bolsista CAPES.

Resumo: Um dos traços presentes em boa parte das prostitutas personagens de literatura é o impacto da tentativa de controle dos corpos realizada por diversas esferas de poder. No presente artigo, pretende-se observar a emergência dessas personagens na literatura do século XIX, a partir das definições de prostituição e suas variações ao longo do tempo; analisar como tais definições impactaram a criação de personagens literárias e quais os diálogos que a literatura brasileira estabeleceu com algumas das narrativas francesas que moldaram o imaginário da prostituição do século XIX. Além disso, ao especular tais variações, discutiremos as mudanças perceptíveis, ao longo daquele século, na formulação destas personagens na literatura.

Palavras-chave: prostituição, literatura, século XIX, lesbianidades.

Abstract: One of the aspects present in most prostitutes in the literature is the impact of the attempt to control bodies by various spheres of power. In this article, we intend to observe the emergence of prostitute characters in 19th century literature, from the definitions of prostitution and its variations over time, how such definitions impact the creation of characters and which dialogues Brazilian literary established with some of the French narratives about the imaginary of 19th century prostitution. Furthermore, when speculating on such variations, we will discuss the perceptible changes over the 19th century in the formulation of these characters in literature.

Keywords: prostitution, literature, 19th century, lesbianities.

I A MAIS ANTIGA DAS PROFISSÕES?

O senso comum apregoa a prostituição como “a profissão mais antiga do mundo”, no entanto, tal afirmação já foi desmistificada pela antropologia, visto que parteiras e pastores seriam alguns dos profissionais mais antigos. Sob a aparente ausência de intenções desta ideia, há a obliteração do questionamento das práticas exercidas pelo ofício, no âmbito real ou ficcional. Assim, somente ao pensar as práticas, são feitas reflexões e promovidas as mudanças (VIEIRA, 2016, p. 22).

A prostituição feminina tem sido tema de especulação nos últimos séculos, incluem-se aqui os estudos de diversas vertentes feministas; entre elas, optamos pela definição presente no *Dicionário da Crítica Feminista*, organizado por Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral. No verbete, após discutir algumas posições dos feminismos, as organizadoras definem a prostituição como a “interação sexual, com retribuição econômica e com indiferença emocional” (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 155-156); ainda assim, a questão da indiferença emocional, como veremos na ficção, pode ser questionável.

Para estudiosos da área, a prostituição teria início com o declínio de uma era matriarcal (ROBERTS, 1998, p.24). Em civilizações como a Mesopotâmia e o Egito, há registros da prostituição sagrada e da prostituição secular, prática desvinculada dos rituais

religiosos. As definições de sexualidade, e de trocas comerciais entre estes povos, possuíam conotações diversas entre si e das que temos hoje; por isso, nosso foco será a prostituição secular na literatura, visto que nos interessa a criação e a representação de estigmas que surgem nas obras ficcionais do século XIX².

Na Grécia Antiga, as mulheres que exerciam a prostituição secular eram divididas em classes. Elas eram conhecidas como heteras (ou hetairas) ou *pornés*. Estudos mais antigos classificam a hetera como uma prostituta que, diferente das demais mulheres, teria recebido instruções de variadas artes. As heteras eram reconhecidas por sua erudição e, por isso, circulavam pela pólis, frequentavam os simpósios e acompanhavam os homens poderosos. Já as *pornés* atuavam nas ruas, sendo mais vulneráveis, economicamente inclusive. Tal divisão, quando presente em obras ficcionais como a poesia da época, é questionada por estudos mais recentes, como vemos em *Prostituição feminina na mélica e no jambo arcaicos: imagens e temas*. Nesta dissertação, o autor afirma que

haveria uma ausência de fronteiras rígidas entre as categorias de pórnē e hetera no plano do discurso [...] os compositores dos textos antigos teriam adequado os termos pórnē e hetera aos objetivos de seus dis-

2 O século XIX é compreendido neste artigo para além do período temporal, mas como um pensamento cultural de uma época. Algo que não se transforma apenas pelo mudar dos calendários, como afirma a professora Lília Schwarcz no ensaio *Quando acaba o século XX*, publicado em 2020.

cursos, não os utilizando, portanto, na dimensão das respectivas implicações concretas do cotidiano (HERNANDEZ, 2019, p. 8-10).

As classificações da prostituição na Grécia Antiga eram fluidas, sobretudo, na criação ficcional da época, que recorria aos termos sem necessariamente corresponder com práticas sociais reais. Em alguns romances oitocentistas ocorre um fenômeno próximo a este. Além da divisão das personagens prostitutas por classe, com status social variável, de acordo com o meio em que circulava, ao longo das narrativas, a mobilidade entre classes faz com que a mesma personagem experimente desde a pobreza intensa até o extremo luxo.

A figura da hetera grega tem ecos na literatura do século XIX, como no poema de Olavo Bilac “O Julgamento de Frineia”, do livro *Poesias*, de 1888. Neste poema, Bilac narra o caso de uma famosa hetera grega, nascida por volta de 400 anos antes da Era Comum, que circulava entre os simpósios e banquetes e se relacionava com homens poderosos de Atenas. Acusada de perturbar a ordem moral da pólis, é julgada e, quando está prestes a ser condenada, seu defensor, Hiperides, que também com ela se relacionava, arranca as vestes da ré diante do júri, a fim de demonstrar que um corpo belo não poderia ser veículo de ações de desonra.

Vacila o tribunal, ouvindo a voz que o doma...
Mas, de pronto, entre a turba Hiperides assoma,
Defende-lhe a inocência, exclama, exora, pede,
Suplica, ordena, exige... O Areópago não cede.
“Pois condenai-a agora!” E à ré, que treme, a branca
Túnica despedaça, e o véu, que a encobre, arranca...

Pasmam subitamente os juízes deslumbrados,
- Leões pelo calmo olhar de um domador curvados:
Nua e branca, de pé, patente à luz do dia
Todo o corpo ideal, Frineia aparecia
Diante da multidão atônita e surpresa,
No triunfo imortal da Carne e da Beleza.
(BILAC, 1997, p.78).

No poema de Olavo Bilac, vemos a mudança na representação das mulheres, que deixam de ser musas etéreas como no Romantismo, para serem descritas de modo mais carnal. Os adjetivos atribuídos à Frineia, ao longo do poema, tanto pela acusação, “é falsa e dissoluta, / Leva ao lar a cizânia e as famílias enluta!”, quanto pela defesa, “No triunfo imortal da carne e da beleza” (BILAC, 1997, p. 77-78), são exemplos da sensualidade votada a essas personagens na literatura oitocentista. Além disso, podemos notar a proposição de Bilac sobre um tema recorrente à época: a oposição entre prostituição e virtude (TEIXEIRA, 2002, p. 103).

Entre a Frineia narrada por oradores gregos e a do poema citado, muita coisa mudou na concepção literária das prostitutas. Com a queda das civilizações antigas, a imagem da prostituta sagrada foi apagada das práticas sociais do Ocidente. No lugar deste ima-

ginário surgiram figuras como Maria Madalena, cuja conversão religiosa transforma simbolicamente a prostituta em mulher arrependida. No entanto, antes da conversão, na mitologia cristã, as ações que faziam personagens serem lidas como prostitutas, eram as mais variadas, desde a venda do sexo, passando pela sedução de familiares e o adultério (KIRSCH, 1998, p. 145-149). Entretanto, apesar do arrependimento, via de regra, o destino das personagens femininas do século XIX, prostitutas ou não, era triste, seja pela morte cheia de culpa, ou pelo adoecimento como espécie de punição moral.

Nas civilizações antigas, os registros de prostituição sagrada não parecem evidenciar o constrangimento social destas mulheres. Na Grécia Antiga, a relevância social da prostituta era condicionada ao espaço social em que ela podia circular. Séculos adiante, a dualidade entre mulheres casadas e prostitutas, sendo estas inferiores àquelas, se acirra, tornando a prostituta uma espécie de pária social. Essa concepção abrange até aquelas que circulavam entre homens poderosos (ROBERTS, 1998, p. 118-126).

II – A MULHER CASTA E A PROSTITUTA PECADORA

O pensamento predominante na Idade Média foi importante para a formulação da oposição entre es-

posas e prostitutas. Com a ideia do corpo como veículo do pecado, demarcada a partir de 1179, no terceiro Concílio de Latrão, o prazer sexual passa a ser visto como um grave pecado. As práticas sexuais não voltadas para a reprodução sofreram intensos ataques e a prostituta foi ainda mais excluída socialmente (FEDERICI, 2018, p. 82). Por volta dos séculos XIII e XIV, em algumas cidades europeias, tornou-se arriscado para mulheres circularem sozinhas, dado os altos índices de estupros, quase sempre impunes. Muitas vezes, essas mulheres, com a reputação destruída, não podiam mais conviver em seu núcleo social e se mudavam para zonas urbanas. Lá, entre as poucas possibilidades de trabalho, estava a prostituição (FEDERICI, 2017, p. 106).

O crescimento da prostituição na Europa, ao longo desse período, coincide com a emergência de representações literárias de prostitutas. O poeta italiano Aretino, no século XVI, é um dos precursores nesta criação. De acordo com a professora Eliane Robert Moraes, em *O efeito obsceno*, é possível observar a presença das “polêmicas filosóficas sobre a virtude e o vício” nas personagens feitas pelo autor (MORAES, 2003, p. 124). Nessa época, se popularizou a concepção de que a prostituição seria um mal necessário, uma vez que era com as prostitutas que os homens saciariam seus desejos, resguardando a virgindade

das mulheres ainda não casadas e preservando as esposas do pecado da luxúria³.

Neste período, a ideia de prostituta é a de uma mulher tomada pelo pecado, em oposição à imagem da virgem ou esposa casta. Esta ideia continua em ascensão no fim do século XVIII e início do século XIX. No conceito de prostituição oitocentista, vemos esta oposição, porém com sutis mudanças a respeito da concepção religiosa. De modo parecido com o que houve com o entendimento das práticas dissidentes da heterossexualidade, a compreensão da mulher prostituída passa do âmbito da moral religiosa para a perspectiva da razão científica.

Se antes a mulher prostituída era compreendida como uma pecadora, no século XIX, a partir das referências médicas, sobretudo nas esferas urbanas, a prostituta passa a ser vista como a mulher que se opõe “aos valores de uma união sexual monogâmica, da família nuclear, da virgindade e da inata fidelidade feminina” (RAGO, 1990, p. 23). Para além destas duas, existe ainda um subgrupo de personagens visto como ainda mais pernicioso: aquelas cuja natureza teria uma inclinação nata para a luxúria, e, cuja sexualidade desobedece aos ideais patriarcais⁴.

3 Note-se a diferença entre a vida real e a representação de cada época, visto que boa parte das prostitutas ficcionais do Renascimento, como de outras épocas, são aquelas que circulam entre os ricos. As prostitutas empobrecidas raramente são representadas. Não obstante, o conceito de prostituição, ou ainda, as formas de interação social em que essas personagens atuavam é muito particular a cada época e espaço.

4 A respeito da inclinação nata para a criminalidade, e no caso feminino, para a prostituição, ver mais em Lombroso (2007). As ideias de Lombroso

As concepções científicas desenvolvidas no século XIX serviram como inspiração para muitas personagens prostitutas. Vale acrescentar que a lesbianidade e a prostituição, seja nos tratados médicos, como o *Psicopathia Sexuallis*, de Krafft-Ebing (1886), entre outros, seja na literatura ficcional, aparecem como relações próximas. Muitas mulheres, cuja sexualidade se voltava para outras mulheres, acabavam na prostituição por não se casarem com homens e precisarem de um ofício para se manter, outras ainda entravam na prostituição e, posteriormente, descobriam o desejo por mulheres. Entre estas, a relação sexual com mulheres poderia ser mais um atrativo para os clientes. Havia, ainda, aquelas que vivenciavam seus desejos e afetos com mulheres com quem conviviam nas zonas de meretrício⁵.

Entre as personagens prostitutas de maior destaque na literatura francesa está Manon Lescaut, protagonista da *História do Cavaleiro de Grioux*, de Abade Prévost, de 1734. Esta protagonista é uma das pioneiras na tipificação da personagem prostituta. Ela é uma bela jovem que se tornaria freira, mas se apaixona e foge com um estudante. Antes da fuga, Manon Lescaut conhece um homem mais velho que lhe

a respeito da prostituição também são discutidas em Krafft-Ebing (2001). A vivência na prostituição foi a chave para o estudo da sexualidade feminina para muitos estudiosos do século XIX, na maioria das vezes o desejo sexual feminino era visto como vício ou patologia a ser combatida.

5 A realidade da lesbianidade e da prostituição é estudada amiúde nos capítulos "A Prostituta" e "A Lésbica", em o *Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (2009, p. 521-546, p. 733-756).

oferece conforto material, em troca de prostituição. Manon Lescaut, imbuída de ideais românticos, abdica das posses materiais e segue com seu amante pobre. Com o passar do tempo e das privações, Manon Lescaut aceita as ofertas generosas do homem mais velho, sem, no entanto, separar-se definitivamente de seu amado. Quando a traição é descoberta, Manon é denunciada para a polícia francesa. Desesperada, tenta fugir com suas joias, mas é pega em flagrante e banida, junto ao seu amante, para New Orleans. No degredo, Manon Lescaut adoece e morre.

Historicamente, com a crescente epidemia de sífilis na Europa, e o enrijecimento da moral católica na França, a partir de 1560 são promulgadas leis que proíbem a prostituição no território francês, sob pena de prisão ou banimento. Por volta de 1713, a portaria sobre “libertinagem feminina” formalizou a repressão à prostituição, assim, caso alguma mulher fosse denunciada por prostituição a pena seria, como aconteceu à Manon Lescaut, o banimento ou prisão. Só após a Revolução Francesa, em 1789, a prostituição deixou de ser proibida por lei na França (CORBIN, 1991, p. 466-470).

O contexto social da prostituição, provavelmente, impactou a criação de personagens como Manon Lescaut. Muito inspirada pela trajetória desta protagonista, surge, pouco mais de um século depois, outra prostituta ícone da literatura francesa: Marguerite Gautier, ou a *Dama das Camélias*. Publicado em 1848,

a história de Marguerite Gautier começa com o leilão dos móveis da personagem, já falecida. A Dama das Camélias, que ganha o epíteto por sempre ser vista com tais flores, conhece Armand Duval em um teatro, ambos se aproximam efetivamente em um segundo encontro, quando Duval ajuda Marguerite, já com sinais de tuberculose. A paixão entre os dois se intensifica, porém, Marguerite continua a viver da prostituição. Devido aos ciúmes de Armand Duval, os dois decidem viver no campo. Essa mudança, neste contexto, é uma oposição simbólica à vida de luxúria que os centros urbanos significavam em comparação com a vida no campo.

Não demora até que o pai de Duval peça a Marguerite que deixe o filho, visto que o relacionamento de ambos não seria aceito socialmente. Marguerite, ofendida, mas compreendendo as razões do sogro, parte deixando uma carta de despedida, na qual mente sobre seus sentimentos por outro homem. Quando Duval descobre que ela continua na prostituição, como vingança, passa a sustentar uma rival de Marguerite. Esta, cada vez mais enferma, vive uma vida desregrada por conta da tristeza. O reencontro de Marguerite e Armand acontece, porém, cheio de mágoas. Ao fim de tantos desencontros, Marguerite parte para Inglaterra e Armand segue para o Oriente. Quando este volta, descobre que sua amada o havia deixado a pedido de sua família, mas é tarde, agora a Dama das Camélias está morta.

Marguerite Gautier, ao longo do enredo, faz várias menções à Manon Lescaut⁶, evocando uma espécie de linhagem de prostitutas antíteses do comportamento esperado das mulheres à época. Estes enredos, além do entretenimento, muitas vezes atuavam como uma certa pedagogia do exemplo, no intuito de orientar as leitoras sobre os fins que uma mulher teria caso exercesse sua sensualidade, sua autonomia e seu desejo.

Manon Lescaut e Marguerite Gautier são personagens de dois romances que dialogam com o livro *Lucíola*, de José de Alencar, de 1862. Assim como *A Dama das Camélias*, *Lucíola* é um livro cujo narrador, Paulo, conta seu envolvimento com uma cortesã. Ele se apaixona por Lúcia, à primeira vista, mas, ao descobrir que esta é prostituta se divide entre o desejo e a repulsa. Ele, como Armand, sente ciúmes e condena a vida da amada. Na tentativa de uma nova vida, Lúcia também se retira para o campo. Afastada do círculo social em que era prostituta, Lúcia tenta viver seu amor com Paulo. É neste contexto que revela ao amado as razões para ter se prostituído. Dada a pobreza da família, vitimada pela febre amarela, Maria da Gló-

6 No início do romance, durante o leilão, Amand Duval fala sobre o livro adquirido: “Devo ter dado muito o que pensar àquela gente que, testemunha daquela cena, se perguntou, sem dúvida, com que objetivo eu pagara cem francos por um livro que se encontrava em toda parte por dez ou quinze francos no máximo. Uma hora depois, mandei buscar a minha compra). Na primeira página estava escrita à pena e com uma caligrafia elegante a dedicatória do donatário daquele livro. A dedicatória continha apenas as seguintes palavras: Manon a Marguerite, Humildade. Estava assinada: Armand Duval. O que queria dizer aquela palavra, Humildade? Manon reconhecia em Marguerite, na opinião daquele senhor Armand Duval, uma superioridade de libertinagem ou de coração?” (DUMAS FILHO, 2001, p. 27).

ria, seu verdadeiro nome, toma a identidade de Lúcia, uma amiga que morrerá. A partir de então, vive como prostituta. Pouco tempo depois da confissão, Lúcia engravida de Paulo, porém acreditando ser impura para conceber uma vida, sofre um aborto espontâneo e recusa-se expelir o feto, assim, Maria da Glória morre grávida (ALENCAR, 1997, p.130-136).

Aqui, temos outra vez a personagem prostituída que conhece o amor, tenta sair da prostituição, mas a culpa a conduz até a morte. A fórmula do narrador personagem, bem como a estrutura dos ciúmes do amado, a retirada para o campo em busca de uma vida mais pura, o adoecimento, a confissão e a morte, são somados ao conflito entre a crença de que o ápice da vida da mulher seria a maternidade, em oposição a um corpo que se acredita tomado pelo pecado. É importante notar que a expiação vem mais da culpa introjetada na protagonista, de que, necessariamente, pela sociedade que a circundava, visto que ela poderia se salvar e viver com Paulo. Outro ponto para nos atentarmos é que a sensualidade destas personagens era vista como algo ausente às mulheres que obedeciam aos ditames patriarcais. O exercício da sensualidade, de forma autônoma, era visto como uma patologia que conduzia as mulheres a um fim similar ao das personagens (RAGO, 1990, p. 254).

As Flores do Mal, o polêmico livro de poesias de Charles Baudelaire, publicado em 1861, é um exemplo de como a imagem das prostitutas começa a mu-

dar após a segunda metade do século XIX. A começar pela ambiguidade: nem sempre é possível saber se o poema fala de prostitutas, de amantes do poeta, ou se as musas reúnem ambas as possibilidades. Não há nestes poemas o tom preditivo em relação ao adoecimento e morte para essas mulheres.

É sabido que o livro se chamaria *Les Lesbiennes*. Sabe-se, também, que as mulheres que recebiam tal alcunha não necessariamente se relacionavam sexual ou afetivamente com outras mulheres, mas sim eram compreendidas como devassas e assim apelidadas; no entanto, é notável a menção à Safo e a outros símbolos desta natureza, ao longo da obra. A amada etérea da tradição romântica, que ainda surge em algumas obras citadas antes, é substituída pelas figurações de interditos eróticos como prostitutas e mulheres que amam mulheres (GUIMARÃES, 2019, p.13). Podemos ver um exemplo no poema “Lesbos”, do qual vemos um excerto:

Lesbos, onde uma à outra as Frineias se encantam,
E um suspiro não há de sem eco ficar,
Contigo, tal como Pafos, estrelas se espantam,
E Vênus com razão pode a Safo invejar!
Lesbos, onde uma à outra as Frineias se encantam,
(BAUDELAIRE, 2019, p. 465).

Além da maneira positiva com que as relações entre as mulheres são enunciadas no poema, temos a volta da personagem Frineia, vista no poema de Olavo

Bilac. Em “Lesbos”, Frineia é utilizada como adjetivo para as companheiras da ilha em que Safo viveu. Podemos, portanto, notar que na poesia de Baudelaire a sexualidade (e, por vezes, a lesbianidade) das personagens é vista a partir de seu lado sedutor. A culpa, presente em personagens como Lucíola, perde espaço para a fruição da sexualidade feminina, tanto por elas mesmas, quanto pela voz enunciativa que, em alguns poemas, também participa das cenas descritas.

Seguindo para as últimas décadas do século XIX, temos a publicação de outro romance que dá prosseguimento à mudança de paradigma na compreensão das personagens prostitutas. Em 1879, Émile Zola publica *Naná*. Em comparação com Marguerite Gautier e Lúcia, Naná, nos traz uma sexualidade mais intensa. Ainda que a protagonista siga o modelo de ter que se prostituir por necessidades materiais, encontrar um amante rico, traí-lo com um amante de menos posses e depois voltar ao amante mais rico, comum às personagens anteriores, *Naná* talvez seja a de maior voracidade, inclusive em relação ao luxo e aos bens materiais. Outro traço que sobressai em *Naná* é o narcisismo. Para o pensamento oitocentista, a vaidade feminina era vista como oposta ao que se esperava de uma mulher, ou seja, à abnegação em relação a filhos e marido, à sujeição de si e, sobretudo, à falta de autonomia.

Naná, como outras personagens, no início do romance é uma jovem sonhadora, vinda de um lar dis-

funcional, com histórico de pobreza e alcoolismo. Ainda muito jovem se vê enredada por questões materiais e morais na prostituição. A degradação das suas ilusões e o seu ambiente de trabalho a conduz a reconhecer suas necessidades materiais e, ao mesmo tempo, saber de seu poder enquanto prostituta. A vaidade era, portanto, parte do aperfeiçoamento de suas práticas profissionais.

Outro aspecto acentuado em Naná e que ressoa em obras posteriores é a voracidade da prostituta em relação aos bens materiais dos seus clientes. Nas narrativas mencionadas até aqui, os homens são retratados de modo passivo diante do poder de sedução das prostitutas. Essa característica se insinua nas acusações a Frineia, no poema de Bilac, em *A Dama das Camélias*, em *Lucíola*, e tem seu auge em *Naná*, como vemos no excerto a seguir

Ela cresceu no horizonte do vício, dominou a cidade com a insolência e a ostentação do seu luxo, com seu desprezo pelo dinheiro, que lhe fazia publicamente derreter fortunas. No seu palácio, havia como um clarão de forja. Os seus contínuos desejos chamejavam ali, um pequeno sopro dos seus lábios mudava o ouro em cinza fina que o vento varria a cada hora. Nunca se vira uma tal gana de gastar. O palácio parecia construído sobre um sorvedouro, os homens com seus bens, os seus corpos, até os seus nomes, eram por ela engolidos, sem que deixassem o vestígio de um pouco de poeira” (ZOLA, 2013, p. 240).

Convém lembrar que a ambição de Naná, apesar da desmesura, ou talvez por isso, também pode ser vista como a ânsia de uma mulher que sabe da escassez de recursos que o futuro lhe reserva. O envelhecimento, pouco retratado nestes romances, não parece trazer segurança material para as prostitutas. Salvo o caso daquelas que se tornam donas dos bordéis, a única forma de garantir seu sustento na velhice é por meio da aquisição de bens duradouros, enquanto se tem vários clientes. Ainda que a ambição não estivesse entre as características atribuídas às mulheres, podemos notar que, em comparação às burguesas e às personagens empobrecidas da literatura oitocentista, a prostituição, como o casamento, eram formas de garantir certa segurança econômica em um momento histórico em que poucas dispunham de autonomia financeira⁷.

III – A PROSTITUIÇÃO NA LITERATURA BRASILEIRA

As teses que embasaram a medicina europeia a respeito das prostitutas ressoaram na cultura brasileira da época. Os conceitos médicos presentes em diversos tratados, como o *Psicopathia sexualis*, sobre

⁷ Para uma maior discussão da comparação entre casamento e prostituição como formas de segurança financeira para mulheres, ver os capítulos “A mulher casada” e “Prostitutas e Cortesãs”, em *O Segundo Sexo* (2009), de Simone de Beauvoir, volume 2, p. 547-644, e 733-756, respectivamente.

os fetiches dos clientes de bordéis⁸, dialogam com a construção de algumas personagens que veremos nos enredos a seguir. O estilo naturalista, próximo ao cientificismo, delinea as personagens de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, de 1890. As descrições de Léonie e Pombinha, por exemplo, trazem consigo ideias da medicina popularizadas entre o público comum, como aquelas sobre depravação moral. O tom animalesco da descrição da cena de sexo entre Léonie e Pombinha mantém o que já vimos em outras obras, porém, uma diferença que surge é a maneira como se compara as prostitutas com as demais mulheres do *Cortiço*. Tal comparação é destacada nesta fala de Rita Baiana:

— Não sei, filha! pregava depois a mulata, no pátio, a uma companheira; seja assim ou assado, a verdade é que ela passa muito bem de boca e nada lhe falta: sua boa casa; seu bom carro para passear à tarde; teatro toda a noite; bailes quando quer e, aos domingos, corridas, regatas, pagodes fora da cidade e dinheirama grossa para gastar à farta!

Enfim, só o que afianço é que esta não está sujeita, como a Leocádia e outras, a pontapés e cachações de um bruto de marido! É dona das suas ações! livre como o lindo amor! Senhora do seu corpinho, que ela só entrega a quem muito bem lhe der na veneta!
(AZEVEDO, 2017, p. 134).

8 A discussão sobre a prostituição percorre boa parte do livro *Psicopathia Sexualis*, de Krafft-Ebing. No entanto, na quinta parte, “Sexualidade Patológica e seus aspectos legais”, os relatos sobre esse tema são mais frequentes.

Neste excerto, temos a percepção de outras mulheres do cortiço em relação à autonomia financeira da prostituta. Além desta perspectiva feminina, uma das maiores inovações do *Cortiço* pode ser um enredo em que, apesar de muitas personagens acabarem na miséria, Pombinha e Léonie, na prostituição, terminam em:

inquebrantável solidariedade, que fazia delas uma só cobra de duas cabeças, dominavam o alto e o baixo Rio de Janeiro. Eram vistas por toda a parte onde houvesse prazer; à tarde, antes do jantar, atravessavam o Catete em carro descoberto, com a Juju ao lado; à noite, no teatro, em um camarote de boca chamavam sobre si os velhos conselheiros desfibrados pela política e ávidos de sensações extremas, ou arrastavam para os gabinetes particulares dos hotéis os sensuais e gordos fazendeiros de café, que vinham à corte esbodegar o farto produto das safras do ano, trabalhadas pelos seus escravos. Por cima delas duas passara uma geração inteira de devassos. Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra; a sua infeliz inteligência, nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou logo admiravelmente na lama forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si (AZEVEDO, 2017, p. 284).

Por isso, se compararmos estas duas personagens de *O Cortiço* com suas predecessoras, veremos que aos poucos a imagem da prostituta como a mulher tomada pela culpa é substituída pela mulher vaidosa,

com orgulho de sua autonomia. Uma outra marca chama atenção: do mesmo modo que Marguerite Gautier rememora Manon Lescaut, a filha de Jerônimo, agora afilhada de Pombinha, nos rememora a vida de Naná, em uma família vitimada pela pobreza e pelo alcoolismo (AZEVEDO, 2017, p. 285).

Como último exemplo, temos uma publicação de menos de três décadas após *O Cortiço: Vertigem*, de Laura Villares, de 1926. *Vertigem* é um romance cuja narrativa dá continuidade a alguns dos estereótipos atribuídos à prostituta, porém, um dos principais contrastes se dá na autoria. Nesta obra, temos uma mulher que escreve cenas de prostituição, de erotismo e, ainda, questiona as liberdades que uma mulher poderia ter na sociedade paulistana de sua época. *Vertigem* nos traz uma protagonista, Luz Alvarenga, que remonta e questiona, de forma sutil, os discursos médicos e legais sobre a prostituição⁹. Luz é uma jovem que cresceu sem a presença da mãe. Sua educação fora encarregada a uma governanta,

Seus alicerces morais não eram muito firmes; erguidos por mademoiselle Louise, a quem o pai, sempre oprimido e preocupado, pelos maus negócios, a confiara de corpo e alma, eram frágeis e fúteis, como a linda francesinha que gostava de vestir-se de homem, fu-

9 Krafft-Ebing afirma, sobre a diferença entre a sexualidade masculina e a feminina que “o homem tem uma necessidade sexual mais viva que a da mulher [...] se ela é mentalmente desenvolvida, normalmente, e bem educada, seu desejo sexual é fraco. Se assim não fosse o mundo inteiro seria um lupanar, e o casamento e a família seriam inconcebíveis. Em todo caso, o homem foge da mulher que corre atrás do gozo sexual, são fenômenos anormais” (2001, p. 248).

mar “cigarretes” opiadas, [...] Com esta mestra, desde os onze anos Luz não ignorou mais como se cumpre o rito do amor [...] Com o tempo, os romances que devorava, sem serem selecionados, as longas conversas com a governanta, quando esta penteava os lindos cabelos cor de fogo e procedia à “toilette” íntima, haviam pervertido, complicado a acepção simples da explicação científica. Desta instrução precoce levava para a vida uma grande curiosidade sensual e um desejo latente, mas atormentador, de tudo o que se relacionara com o amor (VILLARES, 1926, p. 66).

Para o discurso cientificista do século XIX, o motivo maior para o exercício da prostituição era a pobreza, porém, ao lado deste argumento, as prostitutas eram descritas como mulheres de personalidade frágil, preguiçosas, levadas pelo amor ao luxo e ao ócio. Este pensamento

transformava a meretriz numa figura vitimizada pelo destino cruel, que se sacrificava absolutamente contra a sua vontade, pressionada pelas condições econômicas desfavoráveis. No entanto, sua personalidade frágil e vulnerável que acabava tendo o maior peso na argumentação: amante do luxo, preguiçosa, carente de educação moral, sobretudo pelos maus exemplos dos pais e familiares, dotada de um forte temperamento erótico, a jovem pobre se constituía numa possível prostituta. Quase todos os autores apontam como influências nocivas que atuavam sobre seu espírito fraco os livros, o teatro, o cinema, os bailes e outras formas de diversão que se propagavam na cidade moderna (RAGO, 1990, p.216-217).

Ainda que a personagem Luz Alvarenga tenha tido uma infância materialmente assegurada, a ausência da mãe, como exemplo de conduta feminina, e a educação recebida da governanta, parecem não dar sustentação moral suficiente para que a personagem não se prostitua. Esse pensamento, como visto no excerto de Margareth Rago, era amplamente difundido no Brasil. Estas definições começam a ser nuançadas em *Vertigem*. Luz Alvarenga, por vezes financeiros, abandona a vida na fazenda e parte para São Paulo, em busca de autonomia financeira. Sua erudição, em comparação aos outros personagens, aparece reiteradamente, como vemos com Pombinha, de *O Cortiço*. Porém, sua inexperiência com dinheiro e a sedução física e material de Liliane Carrére, sua colega de pensão, projetam Luz na sociedade paulistana como uma prostituta de luxo.

Liliane Carrére é uma prostituta experiente que, mais sutil que Léonie, mas tão incisiva quanto ela, tenta seduzir e cooptar Luz para a prostituição. A cena descrita no excerto a seguir ocorre quando, após um convite de Liliane para que Luz vá ao seu quarto na pensão, para comentar sobre os livros que emprestara, as duas conversam mais intimamente:

Levantando-se a franceza jogou a ponta do cigarro que quasi lhe queimava os dedos e com um rápido gesto, tirou a camisa e ficou completamente nua. A moça desviou o olhar para um quadro pendurado na parede, [...] Sentindo-se ridícula com taes pudores,

olhou. Parecia uma estátua, as ancas finas, as coxas redondas, os seios ainda firmes, com os mamilos pintados violentamente de vermelho, como duas papoulas abertas.

[...] A franceza jogou-se sobre um divan e revolveu-se como uma cobra sobre braças. Enterrava os peitos nas almofadas, torcia-se sobre a seda aspera, como a querer sentir-lhe o contacto em todos os pontos do corpo, com as mãos crispadas agarrava-se ao movel e o sacudia, como se quizesse destrui-lo, reduzi-lo a nada.

[...] Então, Liliane que a espreitava, cingiu-se as suas pernas e fazendo-lhe pesar o seio sobre os joelhos, perguntou-lhe com um fio de voz: - Luz, é verdade que nada sabes sobre o amor? (VILLARES, 1926, p. 60).

Apesar de não mais ignorar “como se cumpre o rito do amor”, desde os onze anos, como vimos anteriormente, Luz Alvarenga é envolvida, talvez como *voyeur*, da cena erótica de Liliane Carrère. A liberdade, o erotismo, o luxo representado pelo estilo de vida da prostituta, atraem a jovem. Ainda que Luz não frequente bordeis, Liliane, conhecedora dos meandros da prostituição paulistana, lhe consegue um amante mais velho, e muito rico, com o qual Luz negocia sua primeira relação sexual com um homem.

Assim como as outras personagens mencionadas, Luz se apaixona por Eduardo, e não pelo amante arranjado por Liliane. Eduardo, além de ser cliente de Liliane Carrère, ao longo do enredo é tido como um dos responsáveis pela falência do pai de Luz. Este é o estopim para que a jovem performe a prostituta dos excessos e vícios diante da decepção com Eduardo, como vimos com Marguerite Gautier e Lucíola. Ao

meio da trama, temos a cena em que a protagonista tem sua primeira relação sexual com um homem. Esta cena também difere dos demais romances mencionados. Seguindo a tradição de enganar o cliente mais velho e viver encontros românticos com o homem amado, Luz Alvarenga tem uma relação sexual decepcionante:

Era “isto”, “isto” que os homens chamavam de amor? Esta brutalidade, esta excitação fugaz, esta convulsão ridícula, esta humilhação, este dilacerar cruel das entranhas, esta lucta cruenta, isto, isto era o amor? Pela primeira vez depois da violência olhou Eduardo (VILLARES, 1926, p. 195).

Enquanto a cena da masturbação de Liliane Carrière é cercada de erotismo, a cena da relação sexual com Eduardo é descrita como um estupro. Para um romance da época, a enunciação de Luz a respeito da violência sexual a que fora submetida é algo raro. Ainda mais se pensarmos que, no âmbito da vida real, à época, era ponto comum entre magistrados que o estupro de uma prostituta não feria a honra da mulher, visto que ela não era uma moça de família ou mulher casada (RAGO, 1990, p. 110).

Ao longo do romance, as aparências das relações conjugais da alta sociedade paulistana também são postas em cheque, mostrando as casas bem frequentadas e aquelas em que moças de família não deveriam ir. Consequentemente, isso nos revela um código

go moral repleto de contradições, como a ascensão de mulheres prostituídas a senhoras conservadoras. Não obstante, o enredo questiona as convenções sociais que fazem casamentos arranjados em nome da honra, como o que fizera a mãe de Luz abandoná-la ainda bebê. Desse modo, vemos em *Vertigem* uma crítica ao casamento pouco vista em obras anteriores.

Já em relação à sedução de Luz Alvarenga por Liliane Carrére, podemos notar diversos estágios: desde o erotismo, passando pela rivalidade na disputa por Eduardo e, por fim, na obtenção do maior objetivo da prostituta: voltar para a França. Para tanto, Liliane não mede esforços. Como Liliane, Luz também almeja estabilidade financeira, fato explícito e reiterado desde o início do livro. Aos moldes de Naná, a protagonista deseja ser dona de um palacete que garanta sua velhice, ou, pelo menos, deseja reaver a fazenda de café, destituída do pai e que acredita ser sua por direito. O final de *Vertigem* nos mostra tanto Liliane Carrére, quanto Luz Alvarenga, vivas e com a autonomia financeira desejada para viver com a liberdade que poderiam exercer naquele contexto social. Fato que, se comparadas a muitas das personagens que vimos, significa uma mudança importante para a representação das prostitutas na literatura.

Outra diferença na representação de prostitutas é que, em *Vertigem*, as personagens femininas têm agência no enredo: tanto Luz Alvarenga, quanto Liliane Carrére, é que são responsáveis pelas ações em

suas vidas. Os personagens masculinos exercem o papel já visto nos romances anteriormente, ou seja, de pessoas dilapidadas pelas ambiciosas prostitutas, mas que pouco influenciam os rumos da narrativa.

IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que a imagem da prostituta na literatura do século XIX, ainda que traga os estereótipos calcados por uma sociedade dominada pela lógica patriarcal, sofreu mudanças importantes. Tais mudanças encaminharam as representações, sobretudo, nas últimas décadas do século XIX, para o exercício de uma liberdade possível dentro das obras literárias daquele contexto. Ainda que se conserve por algum tempo a divisão das personagens entre respeitáveis e não respeitáveis, as transformações presentes nas personagens evidenciam certa abertura social de um maior espaço para a liberdade feminina, ainda que na ficção. Dadas as dimensões de um artigo, não foi possível aferir o impacto desta abertura para obras de décadas seguintes. No entanto, é possível observar em narrativas mais próximas de nós a presença de mulheres (prostitutas ou não) com maior autonomia e para as quais a liberdade é mais que uma vertigem.

REFERÊNCIAS:

- ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: FTD, 1997.
- AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Panda Books, 2017.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BILAC, Olavo. *Poesias*. Organização e prefácio de Ivan Teixeira. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- CORBIN, Alain. Os Bastidores. IN: PERROT, Michelle (org). *História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 387-525.
- DUMAS FILHO, Alexandre. *A Dama das Camélias*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- FEDERICI, Silvia. *O Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.
- GUIMARÃES, Júlio C. Introdução. In: BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019. p.7-21.
- HERNANDEZ, Enrique Andres Carretero. *Prostituição feminina na Mélica e no Jambo arcaicos: imagens e temas*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em [Tese Enrique Hernandez](#) . Acesso em: 06 abr 2022.
- KIRSCH, Jonathan. *As prostitutas na Bíblia: algumas histórias censuradas*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.
- KRAFFT-EBING, R. *Psicopatologia Sexualis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LOMBROSO, Cesare. *O homem delinqüente*. São Paulo: Ícone, 2007.

MACEDO, Ana Gabriela, AMARAL, Ana Luisa (orgs.). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. *Cadernos pagu*, n. 20, p. 121-130, 2003.

PRÉVOST, Abade. *A história do Cavaleiro de Grioux e de Marion Lescaut*. São Paulo: Martin Claret, 2010.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. 1990. Tese (Doutorado em História) – IFCH, Universidade de Campinas, São Paulo, 2019.

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

TEIXEIRA, Ivan. Olavo Bilac: Artifício, Persuasão e sociedade. *REVISTA USP*, São Paulo, n.54, p. 98-111, junho/agosto 2002.

VIEIRA, Patrício de Albuquerque. *Epitáfio para Luísa e Irene: prostituição, solidão e morte no romance brasileiro*. 2016. 198 p. Tese. Doutorado em Literatura e Interculturalidade. Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Educação, 2016. Disponível em: [Tese Patrício Vieira](#). Acesso em 8 abr 2022.

VILLARES, Laura. *Vertigem*. São Paulo: Ed. Antonio Tisi, 1926.

ZOLA, Émile. *Naná*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2013.